

## COLAÇÃO DE GRAU EM 1954

### I — DISCURSO DO ORADOR DA TURMA, DOUTORANDO MANUEL MAY PEREIRA

“Juro por Apolo, médico, por Asclepiades, Hígias e Panacéia, pondo disto testemunhos a todos os deuses e deusas, que cumprirei, segundo meu leal saber e entender, o juramento contido neste texto:

Amarei, como a meus pais, aquele que me ensinou esta arte, partilhando com êle minha fortuna e socorrendo-o, se for necessário; considerarei seus filhos como irmãos, ensinando-lhes esta ciência, se lhes convier aprendê-la, sem retribuição alguma, nem promessa escrita; farei participantes dos preceitos, lições e tudo o mais deste ensino a meus filhos, aos do mestre que me instruiu e aos discípulos admitidos conforme a lei médica.”

Há quase vinte e cinco séculos era prestado o compromisso de HIPÓCRATES, nosso patrono de ciência e sob a égide do qual colocamos os pensamentos que nos levaram a transcrever a primeira parte de seus preceitos.

Pertencem ao passado os seis longos anos, que medeiam entre o alvoroçado ingresso numa Faculdade e o temeroso início de uma prática profissional. Carece nossa vida da experiência imprescindível para aconselhar ou orientar os primeiros passos da quase centena de médicos que abandonam a catedral, onde pontificou o inesquecível SARMENTO LEITE e onde, ansiosos catecúmenos, nos preparámos para o sacramento final que hoje se nos outorga. Na insistente pergunta que fizemos a nós mesmos, ao recebermos o encargo de palestrar, uma vez ainda, com nossos mestres e colegas nesta Faculdade, deparamos com a subsistência de nossos conhecimentos, apoucados na escolha de um tema apro-

priado. Compulsar as clássicas obras de nossos antepassados e trazer a êste recinto o sumário do estudo universal, paramentaria nossa oração na medida justa de tão nobre solenidade. Sem dúvida, porém, que seríamos forçados a sopitar em nosso coração as emoções que nos assaltam e os ideais que emergem ao despontar de nossa definitiva posição social. Saimos, interrogantes, aos caminhos e lá encontramos a desordem reinante, a incompreensão presidindo, ao mesmo tempo que desunia e deturpava, a obra diária dos médicos em nosso país. Errôneamente, talvez, mas sincera e honestamente, afastamo-nos de nossa rota e, ao lado, tentamos entrever as causas e os motivos desta situação, que, sendo antiga, renova-se angustiada a cada momento. As sociedades esquecem a verdadeira dignidade da profissão médica, evocando-a apenas quando seus interesses o exigem. As vezes, curtos instantes em uma negação completa, voltamos a ser os partícipes do “sacerdócio humano”, justamente quando êste título favorecer os argumentos da opinião contrário.

Recordamos, no entanto, que o primeiro olhar em direção aos culpados recaiu sobre nós, sobre nosso íntimo e sobre nossa vida em comum. Não seremos nós os principais responsáveis pelos males que nos atingem? Se a dignidade médica foi maldosamente ignorada, não o terá sido pela negligência de nossos cuidados em mantê-la no pedestal que lhe pertence? Na incerta caminhada de nossas vidas, saber como vivermos na união dos grupos sociais ou profissionais, será a pauta do respeito a nós devido. Cremos, firmemente, que na perfeita compreensão e execução dos direitos naturais que unem cada um dos componentes da nobre e sublime missão de curar, estará

a solução dos problemas que, hoje como ontem, tumultuam a classe médica.

“Amarei, como a meus pais, aquele que me ensinou esta arte... e considerarei seus filhos como irmãos...”

Transparece neste preceito a grande virtude que deverá unir os homens, protegidos sob o manto de ESCULÁPIO: a caridade. Esta virtude, através da qual agiremos com nossos colegas da mesma maneira como desejáramos ser tratados. “Amá-lo-emos!” — exclama LAROCHE. “A caridade nasce do que reúne os homens: da comunhão de origem, de natureza, de finalidade e de interesses.” Nasce da união e tende a conservar este mesmo princípio. Acentuamos que não estamos lançando mão da caridade teológica, daquele amor sobrenatural, que se nos derramou das chagas do Supremo Criador, mas do simples dever terreno e ingênito, existente no espírito de cada ser humano. Caridade que não cerra os ouvidos aos louvores que enramam a frente de nosso companheiro. Caridade que, sendo impossível o afastamento dos equívocos, sabe compreendê-los e torná-los. Enfim, caridade que reconhece no próximo, próximo de natureza e profissão, um prolongamento de seu próprio “eu”. Virtude, contudo, que não esquece a única finalidade de nossa profissão: o ENFERMO. Idealismo! Designe o mundo os nossos pensamentos como bem o entender, mas se isto fôr idealismo puro e simples, é nossa obrigação fazer dêle a mais concreta das realidades.

“Viverei com êle e, se fôr mister, compartilharei igualmente meus bens;... ensinarei esta arte a seus filhos, e se lhes convier aprendê-la, sem retribuição alguma, nem promessa escrita...”

Justiça! A justiça universalmente adotada na confraternização dos seres humanos, embora tenha suas raízes mergulhadas na desunião, na concepção de personalidade e de propriedade individuais. Justiça que se irmana ao sentimento de gratidão pelos benefícios recebidos. Virtude que deve ser o primeiro dever do médico para seus colegas, por-

que, total e inteiramente, será um homem honrado e justo — competidor, sem dúvida, mas competidor nobre, reconhecendo a reputação alheia e jamais procurando trilhar seus caminhos sobre o pavimento de intrigas ou calúnias.

Mais uma vez repetimos que os conselhos hauridos nos cânones da deontologia têm sua origem na apreciação dos valores atribuídos à nossa profissão. Aquêlê que olvida as normas da moral médica frente aos seus colegas, “gratuitamente acrescenta um novo látigo à malícia do público”. Ouçamos HUBERT e vivamos para contrariar suas palavras: “No caminho de vosso vida encontrareis vosso detrator viperino, sempre disposto a morder-vos e dilacerar-vos. Difícil será apanhá-lo: deslizará como os répteis e, também como êles, deixará de ser perigoso quando fôr descoberto.” As sombras são o ambiente de tais almas que se rebaixaram na aferição de sua importância. “Em nossas modernas sociedades” — afirma PAYEN — “todo o mal que disserdes dos outros, recairá inevitavelmente sobre vós mesmos.”

Volvamos nossos olhares para a Sagrada Escritura, que nos deixou o Supremo Objetivo de nossa vida: DEUS.

“Honra o médico, porque dêle necessitas; foi o Altíssimo que o fêz para teu bem. Pois de Deus vem tôda a medicina e será remunerada pelo rei. Sua ciência elevará o médico às honrarias e será celebrada entre os grandes.”

Justiça! Não aquela justiça cega de apenas um ôlho, mas aquela outra que eleva à admiração da humanidade o gênio de SYDENHAIM, ao mesmo tempo que reprova com ardor sua fuga em face da epidemia de Londres. Recorremos, como o faremos mais tarde, e talvez continuemos em nosso viver, aos trabalhos de RUY BARBOSA e raciocinamos sobre a inconseqüência da justiça que iguala todos os homens nos dias atuais. Se a duas quantidades desiguais acrescentarmos a mesma parcela, sem dúvida que, matemática e socialmente, conservaremos a mesma desigualdade. No meditar de nossa própria imperfeição, no pensar sô-

bre as falhas de nossa formação, poderemos deparar com um freio para as infundadas ambições que nos levam à crítica fácil e ao menosprêzo de nossos semelhantes. Transportemos estas idéias, não mais em nossa esfera profissional, mas abarcando as relações da sociedade com a medicina e conheceremos o fruto contaminado, quiçá pela própria inconsequência dos médicos em seu modo de agir recíproco. Justifica-se a abnegação da classe médica como um dever obrigatório de funcionalismo. Invertem-se as significações de salários e honorários, esquecem-se mesmo as palavras do grande SANTO TOMÁS, escritas na Suma Teológica: "Não podemos isentar o médico de seus honorários, porque seus serviços são condicionados pela caridade. O fato de prestá-los caritativamente não o priva do direito à percepção dos honorários. O que é de caridade é o fato de acudir aos enfermos, não os serviços que se prestam."

Sempre que procurarmos a opinião de um cérebro claro e abençoado, estaremos de posse de uma perfeita equivalência entre o valor da profissão e os direitos de seus praticantes. Sòmente quando depreciamos os ensinamentos de origem divina é que nos debatemos no cáos, a ponto de nos equipararmos, em atitudes e conceitos, aos mais inferiores graus de cultura e dignidade.

"Farei participantes dos preceitos, lições e tudo o mais dêste ensino aos meus filhos, aos do mestre que me instruiu e aos discípulos inscritos e admitidos."

Cortesia e valorização de profissão médica! "Cortesia ordenada pela lei moral, por ser a necessária expressão da caridade em harmonia com nossas relações; uma cortesia imposta pelas circunstâncias a tôda a pessoa correta; uma cortesia requerida pelos costumes e usos próprios da classe médica." (PAYEN). Cortesia com os que iniciam, titubeantes e incertos, os primeiros passos de uma longa carreira e cortesia com aqueles que já vêm o ocaso de sua trajetória. Comum é que o médico jovem, ao ingressar nos consultórios, ao penetrar no interior de

nossos estados, sinta um aguilhão de ciúme para com o mais velho que lá se encontra. Mais natural ainda é que suceda o contrário. Mas, não pensemos que tais sentimentos se amparem num mesquinho disputar das oferendas materiais do trabalho diário. Os mais velhos sentem que, aos poucos, estreitando-se os vínculos de suas relações com os enfermos, reduzidos no minguar de suas forças, devem ceder aquele ambiente de carinho para outro colega: sopra, então, um ar de desassossêgo nos últimos anos de uma vida desinteressada. Tenhamos cortesia e respeito para com êles e aproveitemos para louvá-los nas pessoas de nossos mestres, os quais, estendendo suas mãos, ao mesmo tempo que se despedem de nós, apontam-nos o caminho a seguir.

Senhores Doutorandos! Na tríplice idéia de caridade, justiça e cortesia para os companheiros que trilham a mesma senda acharemos a solução de nossos problemas. A efetivação destes propósitos, pedido sincero de um vosso colega, trará, como corolário demonstrado a união necessária para o alcance de nossas mais justas reivindicações. Deixamos a cada um o exame de consciência de seu passado escolar e apelamos aos colegas, que porventura nos ouvirem e que continuarão seu labutar nesta Faculdade, comecem desde já seu aprimoramento, recusando-se o riso sarcástico frente ao engano de um amigo e auxiliando-o com todos os meios possíveis.

Senhoras e Senhores! Nossas vidas, efêmeras na duração e incalculáveis em sua importância, seguem no mundo uma trajetória influenciável pelos fortuitos encontros com nossos semelhantes. Assim como aprendemos nos rudimentos de astronomia, que astros desviaram seus rumos ao cruzarem os campos magnéticos de outros corpos do espaço, também nós, humanos, muitas vezes somos forçados a desviar nossa órbita ao atravessarmos o caminho de nossos irmãos. Boas ou más são as influências que se assentam em nossas almas, produzindo maior ou menor impressão, de acôrdo com a idade em que as recebermos ou com a significação do objeto de onde partirem.

Senhor Prof. Álvaro Barcellos Ferreira! Sentindo nos lábios o acre sabor de coisas passadas, recordamos, como aos pés de um leito, ouvíamos passear a erudição de nosso paraninfo sobre um delicado sinal ou sintôma clínico, que nos levaria ao diagnóstico de um quadro mórbido. Aprendemos com V. S. não só o rendilhado do pensamento médico em relação à doença, mas — o mais importante — conhecemos como examinar e tratar o doente. Carinho, compreensão dos sofrimentos, delicadeza, virtudes associadas ao profundo estudo da natureza humana. J. SURBLED, em seu livro "A moral em suas relações com a medicina e a higiene", encara o problema que oferece ao médico a estreita união de corpo e alma, matéria e espírito, num mesmo organismo vivo. Incompletos seríamos se tratássemos um e esquecêssemos o outro, pois deixaríamos mutilada uma obra magnífica que, nascida nas belezas do Eden, destina-se aos sublimes encantos da eternidade.

"Não vos pedimos que façais milagres. Apenas deveis deixar algo que demonstre vossa passagem sobre a terra." Assim falava EDMUND ABOUT em sua vida. A impressão causada em nós, Senhor Paraninfo, é o milagre que V. S. devia realizar sobre a terra. Se não bastassem os êxitos e os sucessos que pontilharam e continuam a marcar sua vida profissional, estaríamos nós, seus afilhados, com a consciência de poder testemunhar, perante qualquer juiz, o valor de uma personalidade.

Imitamos MARIO TOTTA e exclamamos respeitosos: "Nunca será demasiado, por mais alto que o espírito alce o vôo, o culto de nossa veneração por aqueles obreiros inolvidáveis, de ânimo heróico e de alma cristalina que assentaram, a preço de sacrifícios ingentes, o marco inicial de nossa cruzada médica." A homenagem que tributamos a V. S. é a retribuição ao mérito e a ânsia de levar um pouco desta casa, que é o muito do coração de nossos patronos.

Na simplicidade e candura de suas cartas íntimas, pedimos à grande cientista MARIE CURIE, aquela ingenuidade

que comparou sua vida à das simples lagartas produtoras de sêda. Trabalhar, inevitavelmente, em busca de um ideal — um casulo — caixinha mágica que deverá aquecer a metamorfose do verme para a borboleta airosa. Inevitavelmente, dizia ela, sem saber se haverá tempo suficiente para efetuar o trabalho e receber a recompensa. Assim agiram aqueles que nos conduziram pela mão através dos primeiros anos da medicina.

Senhores Homenageados! Quisérá-mos conversar, emocionados e gratos, com cada um de vós, para relembrar o que recebemos durante nossa vida acadêmica. De cada um, um pouco de ciência, a cada um, um muito de gratidão.

Prof. Eduardo Zácara Faraco, Livre-Docentes Paulo Frederico Becker, Antônio Louzada, Maria Clara Mariano da Rocha, Clovis Bopp, Octávio Couto Barcellos, Erwino Diefenthaeller e Dr. Sérgio Curtis.

Uma oração de trabalho em cada nome, um compromisso de honra em cada vida, uma garantia de sucesso em cada ensinamento. Permiti, Senhores Homenageados, que coloquemos em nossa memória, bem ao alcance de nossos olhos, as palavras que HIPÓCRATES pronunciava em seu juramento:

"Amarei, como a meus pais, aqueles que me ensinaram esta arte!"

Jamais teríamos pensado, colegas, que, em nossa formatura, estaríamos de uma tribuna, encarando nosso mestre e autor de nossos dias, ao lado de outro cultor das ciências médicas, como Homenageado Póstumo. Violentando nosso próprio coração, arrancamos de nossa alma a toga filial e reverenciamos os mestres que lapidaram, amorosamente, nosso cérebro em busca da verdade. "Dignus est operarius mercedis sua" — diz SÃO LUCAS, Evangelista e Médico. Aquêles operários que tombaram em meio caminho, merecem que nos detenhamos uns momentos aos pés de suas lousas e que depositemos neste recanto de paz as coroas de amor e gratidão pelas serentes que lançaram na terra virgem de nossas almas.

Professores Oscar Bernardo Pereira e Raphael Cabeda Sobrinho! Recebei, na eternidade que desfrutam vossas almas, as preces fervorosas de vossos alunos, de vossos homenageandos, dos doutorandos de 1954.

Senhoras e Senhores!

Para que não soluçasse nosso espírito, para que se não rompessem as fontes de nossas lágrimas, calaríamos nossa boca ao levantarmos o grito de gratidão que irrompe, impetuoso, ao recebermos nosso compromisso médico. Buscando auxílio em RUY, citamos os seus pensamentos sobre a significação das pessoas amadas em nosso coração:

“A maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber é a da morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não entrevemos, nesse fundo obscuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou o consêlho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade ou os preságios de bom agouro. Quantas vezes nos não vem conversar, afável e tranqüila, ou presurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na boca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte límpida ou carregada, e lhe saímos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e cismando, para a vida, novos rumos?”

Coração nosso! Nesta noite, vê colocar-se no altar de tua veneração o vulto daquêles dois entes queridos que receberiam de ti o ósculo do agradecimento e transforma tuas violentas pulsações de emoção e saudade, numa homenagem aos pais dos colegas que aqui se encontram, exigindo dêles que recebam êste carinho, tão puro e sincero como se fôra dirigido aos que repousam nos braços de Deus.

Colegas e companheiros de uma vida sacrificada e dedicada a minorar o sofrimento alheio! Acompanhai, pelos maravilhosos caminhos da recordação, esquecendo por algum momento o mundo que aí vos espera, a vossa vida, desde o embalar de um berço florido até a conclusão de um curso médico. Respondei à interrogação de vossa consciência: a quem deveis tais vitórias? Quais as pessoas que, materia ou espiritualmente, se adiantam para receber, em vosso lugar, o diploma de médicos? Nós vos entregamos a resposta: vossos pais! Assim falávamos em 1945, quando concluíamos nosso curso ginásial e assim o repetimos, transcorridos nove anos de estudos e amadurecimento, com mais convicção e com redobrado carinho: isto devemos a nossos pais! E é justamente por isso, prezados colegas, que um apêlo vos dirige aquêle que escolhestes como vosso orador: ao deixardes esta sala, em que vivemos momentos sublimes de êxtase e ventura, abraçai a vossos pais, mas abraçai-os como nunca o fizestes e êles terão a certeza de que, no vosso amplexo, estará uma parcela daquela devoção que vosso colega não pode expressar!

Senhores Professores!

Ao se extinguirem nossas palavras, se alguma luz possuiram, pretendemos apresentar o nosso muito obrigado à Casa de SARMENTO LEITE, às direções da Universidade do Rio Grande do Sul e da Faculdade de Medicina, nas pessoas dos Profs. Eliseu Paglioli e Luiz Francisco Guerra Blessmann; um agradecimento à Santa Casa de Misericórdia e àquêles enfermos que, para nossa alegria, há muito nos chamavam doutores.

Permanecei tranqüilos por nosso futuro, pois nesta casa prometemos que, ao exercer a medicina, mostrar-nos-emos sempre fiéis aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência, por vós lecionados.

Permanecei tranqüilos por nosso futuro, porque prometemos que nossos olhos serão cegos e nossa língua calará os segredos que nos forem revelados.

Permanecei tranqüilos por nosso futuro, porque, neste momento, prometemos nunca nos servirmos de nossa profissão para corromper as costumes ou favorecer o crime.

Enfim, permaneci tranqüilos porque nós o desejamos: se não cumprimos nossas promessas, recaia sobre nós a vergonha e o castigo.

Colegas!

O que dissemos é o resultado de nossa preocupação em ver a carreira que abraçamos equacionada nos devidos termos de honra e respeito. Julgamos oportuno conversar sobre as relações que devem existir entre nós mesmos, para que as ondas da malediscência, ao se embaterem em nossa classe, encontrem uma fortaleza resistente, com os olhos fitos na cura das doenças e na diminuição da dor. Volvemos ao Evangelho de SÃO LU-

CAS e apontamos aos médicos o maior dos conselhos, jamais lançados ao mundo moderno: "Medice, cura te ipsum!"

Levai, colegas de seis anos, para a jornada que se desdobra aos vossos pés, a prece de que vos fazemos presente, através do grande educador C. VIGIL:

"De quantos chegarem a mim, eu Te  
[peço, Deus meu:  
Que nenhum deixe de escutar algo que  
[possa ser-lhe útil;  
Que nenhum duvide de minha serenidade  
[e de minha paciência;  
Que nenhum note debilitada sua fé em  
[si mesmo;  
Que nenhum leve de minha alma menos  
[do que entregar a mim;  
Que nenhum pense que me considero superior a êle;  
Que nenhum sinta diminuída sua alegria;  
Enfim, que nenhum se retire sem alívio  
[para a sua dor."